



# o livro de Y

Andrei Ribas



gueto editorial

# O livro de Y

Andrei Ribas



**selo gueto editorial**

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins  
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Andrei Ribas, 2017**

**Coleção #breves | Livro 10**

Selo Gueto Editorial ® 2017

**Edição e projeto gráfico**

Jerome Knoxville

**Edição e revisão**

Amanda Sorrentino

**Contatos**

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| [editorgueto@gmail.com](mailto:editorgueto@gmail.com) |

**Licença**

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

livro dez

0

*Meu amor ele é demais, nunca de menos  
Ele não precisa de camisa-de-vênus  
Ouça o que eu vou dizer, meu bem me ouça  
O que ele precisa é de uma camisa de força*

***Meu amor, meu bem, me ame, Zeca Baleiro***

1.

Depois que ela me deixou ciente de que não estava grávida tudo ficou mais fácil.

Não me preocupando com o futuro rebento, do significado que a existência dele traria à nossa relação, deixei que os beijos amornassem, os abraços enfraquecessem e o coito virasse uma espécie de jogo — quem iria imaginar me dando agora? —, antes de virar pro lado, satisfeito (nem sempre) e dormir. Nem meu roncar e flatulência durante o repouso me transtornavam. O que era cuidadosamente disfarçado — e hoje me pergunto da razão — havia ganhado o palco, não a coxia.

Algum fio de felicidade, da minha felicidade, também consistia em não ter que ouvi-la falar mais que a criança teria meus olhos, minhas covinhas dos cantos das bochechas quando (raramente) sorria, meu furo no queixo, nem suas vastas sobrancelhas, seus dentes branquíssimos, sua pele lembrando um eterno bronzeado, ser perfil de ratinho, com nariz protuberante e curvilíneo. Acabavam as suposições. Depois que ela me deixou ciente do ventre oco, tudo aquilo que era seu projeto e meu conformismo virou uma junção de decepções — como se esperava mais dela do que minhas, porque eu nada esperava; nunca esperei, aliás. Não tentamos mais e deu.

2.

Decidimos que a casa seria vendida, dividindo o valor. Demorou seis meses. Era fodido ter que ir no imóvel abrir a casa pra cada interessado. Uma merda. Uns olhavam mas de cara se via que não tinham nem pra saída, outros fingiam interesse de uma maneira tão falsa que quase dava vontade de responder, quando falavam frases-padrão de elogio, que não precisavam dizer aquilo se não iam comprar mesmo, fora os que avisavam que ainda tinham de ver com o banco o financiamento. Seis meses pareceram décadas, mas vendeu. Com a parte dela colocada na conta não tivemos mais contato. Só quando ela casou e topei com o nome no jornal, aquele anúncio reduzido e perdido na página dos que têm interesse de contrair matrimônio. Na hora pensei que a frase prenunciava o que era de fato casar: contraí-lo como se fosse uma enfermidade. E, se assim fosse, seria uma daquelas degenerativas, que só aumentam com o passar dos anos, corroendo ossos e tecidos, detendo a canrose ou a artrose. Continuávamos morando na mesma bosta de cidade grande que tínhamos casado, não havia por que qualquer um de nós mudarmos dali (pelo menos eu não tinha e nem precisava — o desencontro como uma das vantagens da metrópole), sendo pura obra do acaso ter visto aquela publicação. Mandeí SMS

de parabéns pro número que eu ainda mantinha na agenda do celular. Surpreso que ainda era o mesmo número vi estranhamente — isso porque ela não parecia ser tão feliz desde o início do nosso namoro, mas decerto o sintoma tinha voltado, denunciando aquela cíclica moléstia futura — ela responder obrigada, e você? bem? — mas não retornei. Minha carga de falsidade já tinha acabado na primeira mensagem.



3.

Com o fim do casamento e o desenrolar da vida que continuava da ex, o trabalho me pareceu mais atrativo. Não era só ficar lendo aquelas porcarias de originais que algum pretensioso mané ganhador de um dez em redação na escola de ensino fundamental me mandava. Impressionante como qualquer pessoa acha que pode escrever melhor do que os demais, ou que aquilo que conta é mais interessante, chamativo ou atraente do que já foi escrito. Mas eu começava a olhar com outros olhos, como dizem, não recusava de cara mandando qualquer funcionário devolver o material com a Carta Praxe de Recusa. Procurava de fato algo que eu gostasse, queria que aquelas linhas demonstrassem um novo Joyce, um novo Kafka, um novo Piglia, mas a maioria só copiava deles, não ia além nem reinventava o que tinham feito, alguns recaindo na saída fácil de modismos comerciais. Sim, falei maioria. O restante foi uma fase de aposta em gente nova e boa pra ver o que ia dar, mas daí a editora teve que fazer um trabalho maciço de propaganda, comprar entrevistas nos lançamentos, ver se o autor ou a autora tinha lançado algo antes e se prestava pra relançar. Foi aí que ela apareceu, mas já falo disso.

Em contrapartida, mantinha meu hobby de fazer resenhas e dar título a nomes pra filmes pornô de um canal pago. Trabalhavam eu e mais outro cara, que não sei bem se era chegado a mulher — ficava lá olhando as imagens sem mexer as linhas da testa, como se aquelas mulheres não existissem. Mas também não posso afirmar que gostasse da outra fruta, porque em alguns filmes rolavam cenas entre homens e ele se mantinha igualzinho, sem nem mexer as pestanas, a boca em rasgo ladeada pelas bochechas magras, comentando nada. Redigia lá as cenas no computador, pausando e colocando pra frente, dava um título como eu, nem me perguntava muito minha opinião, trocávamos monossílabos e pronto. Isso era nos sábados; o dono da empresa do canal pago tinha editado com a gente um ano antes (um livro, quase um livreto, semelhantes aos do Bellatin, interessante sobre um assassino de viúvas que se vestia de mulher, reproduzindo a vítima morta anteriormente), daí em meio às conversas que tivemos, diante da minha confissão de que gostava, e muito, dos filmes que ele exibia, me ofereceu a chance de fazer as resenhas e colocar os títulos nos filmes que seriam exibidos; oportunidade de ganhar um troco, fazer meu passatempo voyeur e ainda ocupar mais a cabeça com mais este

compromisso — se é que se pode chamar assim — por causa dos últimos acontecimentos.

As produções estrangeiras chegavam em pacotes definidos pela produtora sócia do canal. O cara que trabalha nisso, ou, no meu caso, conseguiu um bico, tem que ter conhecimento das siglas em inglês. Por exemplo, *Double D* para designar seios fartos, *AZN* para asiáticas e *LEZ* para cenas de lesbianismo, a expressão *POV* (*point of view*) é usada para cenas de sexo gravadas com a câmera na mão de um dos atores, *Milf* (abreviação de *mothers I'd like to fuck*) pra filmes com mulheres mais velhas e *BDSM* (epítome pra *bondage, discipline, sadism and masochism*). Claro que o canal não se restringia a exibir filmes estrangeiros, na grande maioria americanos. Quando chegavam as produções brasileiras fazíamos uma triagem pra ver se não tinham cenas de violência, escatologia, consumo de drogas ilícitas, sexo coagido — se bem que alguns filmes tinham como tema o sexo violento, como se fosse estupro, mas antes ou depois das cenas os atores explicavam que era tudo encenação — ou temas ligados à religião (e nesses casos, se aparecesse uma freira ou padre, era explicado se tratarem de encenações e fantasias sexuais também) —, a fase do politicamente

correto tinha infestado a indústria pornô cortando o barato. Ou era pra prevenir processos mesmo: sempre tem um otário que acredita em tudo que vê.

Engraçado era colocar nos filmes estrangeiros os títulos fazendo trocadilhos com filmes dito normais. Da minha lavra nasceram “De quatro para o pau duro”, *Toy Stories* (tendo como protagonista um vibrador — uma voz, masculina claro, falava pelo objeto; era ridículo e broxante), e não fico menos orgulhoso ao ter traduzido *Fill her Young holes* pra “Metidinhas” ou ter batizado de “Quem tem medo do escuro?” uma produção de sexo inter-racial. Mas palavras como “latinas” e “bundas” sempre serviam de muletas se não estava muito inspirado. Daí vinham “Show de bundas”, “Latinas ninfos”, e mais daqueles com semelhança nos filmes de sucesso: “Bonequinha de bruços”, “Tracandonic”, “Avaídar”, “A diaba veste naba”, “O senhor do teu anel”.

4.

Na editora eu mantinha aquele estado quase beneficente de apostar em nomes sem notoriedade. Era um baita risco já que tirando o papo de literatura, arte e cultura, o que resta mesmo é um negócio tocado a remadas fortes num mercado composto de leitores fígados quase a agressões entre as empresas. Como tinha dito, fazíamos um trabalho de marketing excessivo antes do lançamento, o que não seria necessário pra um nome alardeado, demandando mais grana e receio de perder uma bolada na brincadeira. Um dos autores novos foi Y. Obviamente não a conhecia do meio, nem tinha ouvido falar nela, no Google não achei nada relacionado a seu nome, nem relativo a escritos nem a concursos literários, ou seja, algum precedente. Mandou *Recortes para um álbum imaginário*, um romance de cerca de 150 páginas, que, publicado, deu 130. Gostei da escrita que remetia ao Camus e ao Fonseca — a apatia incomum do Camus e a crueza banal do Fonseca —, com uma estrutura telegráfica nos parágrafos remetendo a James Elroy, mas mesmo assim sendo vanguardista em certos aspectos, fugindo das influências, com a trama de um pai buscando a reconciliação com o filho depois de 30 anos, quando havia se afastado da ex-mulher e do descendente por causa de um caso extraconjugal. Eu não sei se as demais editoras faziam isto, mas

conosco era assim: uma vez aprovado por mim e pelo conselho editorial, que geralmente ia na minha onda, o autor era chamado, conversávamos, ele assinava o contrato e sua alma, a menos que pagasse a multa de rescisão, era nossa por dois anos, a contar da data do lançamento. Algo parecido devia acontecer com os atores contratados pras novelas — e escrever não seria uma espécie de atuar? Depois tínhamos contato com eles pra foto da orelha e pra divulgação e uns dias antes do lançamento, a fim de estipular data, hora e local, ver se estava tudo certo, se não tinha compromisso na agenda, pronto. O trabalho continuava com as vendas e com os convites a simpósios, congressos e feiras, que a editora repassava aos autores e eles confirmavam a presença ou não. Muitas vezes nós é que mandávamos os autores aos eventos, quanto mais divulgação melhor — pra eles e pra nós, sem dúvida. Bom, então Y enviou seu original e este foi aprovado, mandei a secretária ligar pra ela, que morava em Novo Hamburgo e confirmou a presença. Na data marcada ela apareceu. Falaria apenas comigo, depois, se não houvesse objeção nos termos que colocávamos no acordo (praticamente um contrato de adesão), seria encaminhada ao setor jurídico pra assinatura.

Quando entrou na minha sala eu queria poder ter saído do meu corpo e ter visto a minha cara de surpresa, ou de espanto, ou de fã histérico vendo o ídolo a

poucos palmos. Y não era nada mais nada menos que a estrela pornô mais vista nos filmes em que eu colocava títulos e sinopses lá na sala alugada do canal pago. Tinha a visto tanto em filmes nacionais como americanos, e não tinha como eu, de tanto ver aquilo, ter me enganado. Era ela mesma: loira com seios médios atraentes escondidos abaixo do decote numa blusa rosa, com um casaquinho de meia-estação amarelo por cima, uma saia clara até próxima dos joelhos que não deixava de denunciar as pernas carnudas, os olhos azuis, nariz arrebitado e lábios guarnecendo aqueles dentes brancos tão alvejados de esperma quando ela ficava com a boca aberta pra recebê-lo depois dos sexos oral, vaginal e anal; só era mais baixa do que eu supunha. Evidente que o nome como autora, seu mesmo, confirmado depois por seus documentos, não era o mesmo usado na atividade pornográfica. Existia uma atriz pornô e uma escritora na mesma pessoa, o que me fez ficar mais intrigado, pois na obra eu não vi nada muito sexuado de baixa categoria; tinha aqueles elementos de violência e aspereza mundana nas palavras, um quê de conformismo ao inevitável, mas só. Não sou de ter preconceitos, mas no começo receei que fosse a mesma pessoa. Não tinha dúvidas da atriz — que, inclusive, achava que fosse americana, porque até nas produções nacionais ela falava em inglês (*oh my god, yes, fuck me* e por aí vai) —,

e sim da real autora do livro. O que caiu por terra depois de meia hora conversando com Y, que demonstrava um conhecimento mais do que basilar de Mutarelli, Sant’Anna, Schroeder, Kiefer, Roth, Poe e Eco, quando a questioneei sobre autores de sua preferência. A grande questão que passava na minha cabeça, e acredito que passaria na de qualquer um, dizia respeito à razão, ou razões, que a fizeram ir pro campo pornô, mas não queria entregar de imediato de onde a conhecia, fora aquele interesse do editor no autor que lhe enviara o original aprovado. A questão outra hora poderia ser levantada, ou nem seria se nós nunca tratássemos do assunto. Tinha uma cabedal vasto, aparentava ser de boa família e nenhum que não a tivesse visto nos filmes poderia dizer que era a mesma mulher. Inclusive parte da tatuagem que ela tinha próxima aos seios — um dragão tribal que começava ali e chegava até a virilha esquerda, se enrodilhando no umbigo — a denunciava, fora o piercing na língua, brilhando lá dentro da boca enquanto respondia minhas perguntas e se dizia muito feliz, muito mesmo de poder ser publicada, que não tinha um livro anterior e que sim, se sentia uma sortuda de terem avaliado e aprovado seu trabalho. Falei que não tinha a ver com sorte, ela riu como ria quando algum pau — e às vezes não só um — não entrava direito na boceta.



5.  
Não vou dizer que não. Procurei nos dias seguintes àquele anúncio do casamento da ex as fotos do matrimônio nos jornais e na internet. Como estava bloqueado na suas páginas das redes desde que terminamos, por intermédio de amigos em comum consegui ver as imagens. O cara era gordo, careca e usava um bigode grosso, feito uma morsa. Eu também seria calvo em, no máximo, dez anos, mas quanto a ser gordo acho que nunca por causa dos exercícios que, nem saber por que, insistia em fazer religiosamente três vezes na semana na mesma academia desde os tempos de quartel; quanto ao bigode, era por mim impensável a utilização, primeiro por não ter pelos faciais que crescessem tanto, segundo por predileção. No vestido dela dava pra ver uma protuberância na barriga e não parecia ser de gordura (até mesmo porque detinha o título de ser “magra de ruim”). Sim, ela tinha conseguido o que eu não tinha dado pra ela. Na hora um sorriso contrafeito se desenhou no meu rosto em um processo de recalque, pois — não dava pra dizer que não também — meu ser irracional a procurava, matava, esquartejava e se livrava do corpo. Dos dois.

6.

A trai seis vezes. Na época em que não me importava mais com o que adviria da nossa união. Dela somente os três primeiros anos foram realmente bons, pra mim. Não posso dizer que foram bem traições porque foram todas pagas, sem sentimentos, em idas aos apartamentos na Doutor Flores ao meio-dia — isso porque não almoçávamos juntos, facilitando as escapadas —, com mulheres escolhidas sem muito critério, quase a esmo, atendendo aos destaques corporais nas moças que chamavam minha atenção e com as que me pareciam mais limpas. Subia num dos edificios e com as portas dos quartos abertas era apenas passear pelos corredores e entrar naquele que tivesse os critérios citados. Os preços entre uma e outra eram bem similares. Ali desafogava toda minha frustração, e mesmo com as caras de tédio das mulheres não escapando durante a atividade, dos gostos de cigarro e de cachaça baratos de suas bocas, eu tinha certo prazer, evidenciado nas camisinhas usadas. Sentia no paladar, por certo, o sabor das camisinhas que elas haviam passado lábios e línguas e muito provavelmente também das genitálias alvos dos orais, coisa que só quando acabava, me vestia, pagava e ia buscar meu pudor deixado na rua esperando me dava conta, mas de nada adiantava: depois de alguns dias voltava,

renovado/recarregado da lascívia, mas não conseguia tirar o mal-estar que levava até lá e imaginava que poderia ser destruído nos emaranhados corporais. É bem provável que somente o aumentava, nem tão inconsciente disso.

7.

Em tempo: A maciça maioria dos homens teria, na minha posição, oferecido a edição do livro de Y mediante seus favores sexuais, ou pagamentos sexuais. Era difícil não imaginar aquela mulher semelhante à Silvia Saint — e não menos atribuída corporalmente — fazendo comigo o que fazia nos filmes. E claro que a imaginei não só comigo, homens quando pensam em putaria não têm limites, é da essência, nossa maldição e benção. Mas o que diferenciaria isso daqueles testes do sofá que ainda fazem por aí com as candidatas a emprego? Agir desse modo ainda me colocaria numa situação complicada comigo mesmo. Não obstante o desejo de ter Y e de antemão sabendo que satisfaria todas as minhas taras e desvendaria a mim outras que poderiam me contentar ou não, deveria atender a um senso crítico ferrenho e intrínseco que me impediria até de começar a proposta. Tinha que dividir o editor do espectador-fã daqueles filmes. Tinha que manter a postura imposta por mim mesmo, manter o pau nas calças, não deixar que a vontade preponderasse. Mesmo sendo árduo e, também como falam, estando com a faca e o queijo na mão.

O livro de Y foi publicado, lançado e bem vendido até. Recebeu resenha abreviada de um jornal nacional, mesmo com o envio do livro pra seis. Quanto à

divulgação, por ser o nome da escritora diferente do da atriz pornô não fizemos propaganda com esse adendo. Nem sei se o livro iria vender mais por causa disso, se bem que, como eu, muitos leitores, principalmente os nerds e geeks punheteiros e espinhentos, têm o vislumbre dos filmes adultos como diversão e duvido que não gostariam de saber o que passa na cabeça de uma das atrizes, mesmo que acabassem concluindo ser só ficção de segundo escalão. Na verdade quis preservar a editora disso porque, ninguém me disse o contrário nem aparentou saber, só eu conhecia por ali da outra vida de Y, e duvido que o conselho iria concordar com a exposição — mesmo parecendo uma boa estratégia de marketing, não era o tipo de coisa do grupo. Com títulos clássicos no catálogo e Y entrando na casa, como disse, numa fase e selo que lançava autores novos numa estratégia para oxigenar o mercado e dizer que éramos uma porta aberta a eles, não tínhamos, antes, publicado alguém que geraria tanta polêmica, no máximo um poeta surrealista que dizia viver de luz e escreveu uns versos que deixaram os demais editores felizes. Em suma: por tudo isso, trepar com Y por causa da edição do seu livro ficou fora de cogitação.

8.  
Em tempo 2: Prefiro os filmes estrangeiros, precisamente os estadunidenses. As atrizes são mais desprendidas, não temem chupar um caralho depois que ele saiu do seu rabo, não ficam com mimimi de dar pra mais de um ou dois, até um grupo, fazem de tudo — referência ao anal, grupal e sadô, claro — e gemem ou falam na hora ajudando a quem observa a ter mais tesão; nos filmes brasileiros, fora raras exceções, as atrizes fazem um papai-e-mamãe e cachorrinho básicos, chupam só no início ou chupam sem vontade, às vezes nem gemem quando fodem. Vi cenas em filmes nacionais que quase me fizeram ter sono ao invés de libido. Daí penso na questão da grana, devem pagar bem mais as americanas que as brasileiras, mas não sei não, não creio que as primeiras façam só pela grana, é questão de vocação, de gostar da coisa, o que nas nacionais parece não ser o caso. Fazem pela grana e se deixam usar como objetos, não brincam com prazer inato. Aí é que está o diferencial.

Se Y fazia com prazer? Preciso responder?

9.  
Mas por causa da observação acima foi que as coisas começaram a ficar estranhas, estranhas mesmo, como um daqueles episódios do *Twilight Zone*. Eu não usaria a edição do livro de Y como mote pra transar com ela. Iria contra, vá lá, meus princípios de editor. Abriria precedentes, talvez. Já expliquei. A questão é que a própria Y me disse que só existia porque eu a fantasiara, ou, em outros termos, existia porque eu queria. E, dessa forma, deveria consumir sexo com ela, fosse por causa da edição do livro ou não, porque assim era pra ser. Disse ainda que o sonho dela, como meu sonho, era de que publicassem seu livro; assim eu existia pra poder realizar aquele sonho do meu sonho. Quando me falou isso me lembrei na hora do poema do Drummond, de que estava sonhando e que no meu sonho havia outro sonho esculpido. Edgar também ressoava na minha cabeça: “tudo o que vemos ou parecemos não passa de um sonho dentro de um sonho”. Corri pra um psiquiatra, contei a história toda, ele receitou uns remédios e disse pra me afastar da Y; atendi e até deixei de ir fazer as sinopses dos filmes pornôs. Podia deixar de ver os em que ela atuava, mas decidi me afastar de tudo que fosse relacionado. Na editora deixei de aparecer pra não esbarrarmos, não que a presença de autores ali fosse frequente, mas ela querendo cumprir o

seu/meu intento me fazia não querer ir. Cheguei a pensar se não era eu mesmo um sonho de alguém, que aquilo tudo era um sonho de um sonho dentro de outro sonho, porém dormia e acordava normalmente e nada mudava, pelo menos não havia indícios de que havia mudado algo. Continuava sendo um cara com quase quarenta, divorciado, editor, sem filhos e vendo a ex tendo o filho que queria comigo com outro homem; e Y existia. O livro dela estava lá na editora, como disse estava vendendo bem. Eu mesmo tinha exemplares da obra em casa, os tocava insistente na capa dura pra ter certeza de sua atual permanência. Coloquei atestado no trabalho e viajei.



10.

Buenos Aires estava, como sempre estivera, com ares europeus, ainda mais na época: abril. Aproveitei, como sempre aproveitava quando estava na capital, pra uma ida ao Ateneu e lá fiz questão de comprar livros de Cortázar, Borges, Puig. Lê-los em sua língua materna me dava um prazer imensurável, tinha um quê de sensual na língua espanhola lida naquelas páginas. Era ser lúbrico sem tocar outra pele. Ou eu via sempre assim. E como estava há um bom tempo sem sexo, e nem estava preparado pra isso, era o que me cabia fazer naqueles dias. Lia o espanhol dos mestres, às vezes em voz alta num trecho e outro. *“Los hombres compartieron um pasado ilusório. / Sólo faltó una cosa: La vereda de enfrente. / A mi se me hace cuento que empezó Buenos Aires: / La juz gotan eterna como el agua y como el aire”*, dizia Borges. *“Cada vez que otro día dorado / Te aproxima a la nueva ventura. / Se diría que el sol te inaugura / Sobre abismos más hondos de azul”*, complementava Lugones. E na minha mente aquela cidade respondia languidamente, sem falar, a seus intelectuais devotos. Fiquei no hotel Republica, em frente ao obelisco e à 9 de julho, olhava da sacada os grandes telões projetando propagandas remetendo à Broadway, as pessoas e os carros passando a mil. Num primeiro momento evidentemente não

me combinaria aquela cidade com seu tango transpirando em cada esquina, seus romances e paixões imanentes, mas existia o toque de melodrama que me caía, diante de todos os fatos pregressos, muito bem. Estar sozinho também ajudava nisso, afinal Buenos Aires não foi feita pra pessoas solitárias, e sim praquelas que vêm acompanhadas de seus amantes ou querem encontrar alguém buscando uma história similar às danças executadas pelos bailarinos esguios nas ruas, bares e restaurantes. Lugares esses que eu evitava justamente pra que não me culpasse por ter escolhido a cidade errada com a intenção de esquecer minha ex, seu filho que não era meu e Y. Como disse, procurava me acolher na literatura e em passeios me dirigia a locais que não denunciassem o que havia de mais latente naquelas vias. Mesmo difícil, o bom era que não podia me queixar da falta de recantos apropriados nesse sentido pra um editor. Dessa forma, até passei pela Caje Florida garimpando livrarias em sua extensão, sem achar muitas. Nas vezes que parava, por vício ou hábito quando me aninhava numa livraria, tinha que beber um bom café. Fazia sempre muito isso, mas em BA a ação parece que criava uma aura mágica, como se beber um café expresso numa livraria argentina, fosse qual fosse, desse a mim um passaporte a outros tempos ou a tempos futuros, em que vidas passadas e futuras eram meras

memórias, sem culpas e sem pesares, um círculo. Aquilo me acalmava, essa era a real. E estar na cidade — e ter escolhido ela pra esquecer os últimos eventos da minha vida —, concluí, era justamente por isso.

No Caminito que a coisa, pode ser dito assim, desandou. Fui passear por lá porque era outro costume a ser cumprido no território portenho. Diferente de outros lugares que nem sempre fazia questão de ir, o Caminito era como o Ateneu, endereços que eu não podia deixar de ir nem se fosse obrigado ao contrário. Por lá me perdi olhando as obras dos pintores e dos gravuristas, sempre deixando de comprar, contrariado, este ou aquele trabalho pra não ficar atulhado deles atrapalhando minha caminhada. Em determinado momento do périplo percebi, como percebem numa espécie de sentido adicional aos outros cinco os que estão sendo vigiados ou seguidos, que era centro da atenção de alguém no meio do povo composto em sua maioria por turistas que, mais uma de tantas vezes, lotavam o local. Olhei diversas vezes para trás procurando o(s) perseguidor(es). Mesmo me confundindo com as cores nos prédios, não demorei a vê-la. Era Y que, não queria me perguntar como, havia me encontrado. Devo ter titubeado se podia ser fabricação da minha cabeça. Mas isso durou poucos minutos. Não dei muita chance, então, a que não alcançasse o

que queria. Pensei mais uma vez na ex, o filho, nosso casamento que ajudei a afundar. Parei numa das mesas dispostas nas proximidades das estátuas caricaturescas do Papa e de Gardel. Ela veio e sentou ali comigo. Rendido, nada falamos sobre o que tinha acontecido. Sobre tudo aquilo, realidades transpassando outras realidades. Era fim da manhã e ficamos a tarde inteira juntos; à noite fomos ao Senõr Tango. Quando vi, pegamos um táxi e já estávamos no hotel em que me hospedei, e as certezas, certezas carregadas dali em diante, numa subserviente resiliência da minha parte, se modificaram.

**Andrei Ribas** é autor dos livros *O monstro* (2007), *Animais loucos, suspeitos ou lascivos* (2013), *Cada amanhecer me dá um soco* (*Bestiário*, 2016) e *Romântico visceral sob o céu fragmentário* (*Bestiário e Artes & ecos*, 2017). Possui trabalhos reproduzidos nas revistas eletrônicas brasileiras *Plural*, *Flaubert*, *R.Nott*, *Pessoa*, *Mallarmargens*, *7faces*, *Subversa*, entre outras. Escreveu resenhas e críticas literárias para os sites *Homo Literatus* e *Amálgama*.



**selo gueto editorial**

este projeto digital é destinado a correr livre na rede  
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo